

80 anos da Revolução Constitucionalista de 1932: uma odisséia radiofônica em São Paulo ¹

Antonio Adami²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

O nosso propósito com este artigo é contribuir para o conhecimento e expansão das premissas teóricas do meio rádio, a história do meio e o papel que exerce a PRB-9 Rádio Record de São Paulo em tempos revolucionários, em um momento dos mais decisivos da história do Brasil no século XX: a Revolução Constitucionalista de 1932. Pretendemos aprofundar a reflexão sobre este momento que sacode o Brasil, onde o rádio se torna o grande companheiro na frente de batalha paulista, além disso é o grande mediador da Revolução, pois é através dele que as propagandas da guerra se intensificam, a favor e contra Getúlio Vargas e a favor e contra os paulistas. Analisamos portanto neste artigo em que circunstâncias ocorreram estas transmissões e a criatividade sonora colocada a serviço do rádio, o que mais tarde conceituamos nos estudos radiofônicos como “paisagens sonoras”.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Constitucionalista; PRB-9; Rádio.

Introdução: eclode a Revolução Constitucionalista de 1932

Até 1930, o Brasil passa por um período conhecido como República Velha. A principal característica dessa fase política é a alternância de poder entre as elites paulistas e mineiras, o que cria uma política denominada “política café com leite”, exatamente por serem a principal produção agrícola dos dois Estados, São Paulo e Minas. A cada quatro anos, ou um paulista ou um mineiro torna-se Presidente da República, dessa forma todos os interesses estão bem claros e seguros, sem solavancos.

No final da década de 1920, essas forças políticas se tornam inócuas diante das greves operárias e o Movimento Tenentista (dissidência de oficiais do exército) ³. Com a

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Antonio Adami é doutor pela FFLCH-USP, é professor titular e fundador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Realiza pesquisas no grupo “Mídia, Cultura e Memória”, cadastrado em 2002 junto ao CNPq. Endereço: antonioadami@uol.com.br.

³ Jovens oficiais do exército brasileiro que descontentes com os destinos traçados para o Brasil pela oligarquia rural (a política social e econômica do Brasil está alicerçada na função agrária), organizam uma série de rebeliões de cunho político-militar. Essas rebeliões militares dão-se no início da década de 1920, por reformas políticas. Entre estas reformas estão: o fim do voto de cabresto, reforma na educação pública e voto secreto. Além disso, lutavam pelo fim da República Velha. Estes movimentos são conhecidos por: Coluna Prestes, a Revolução de 1924, a Comuna de Manaus e a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana.

quebra da Bolsa de valores de Nova York, em 1929, essa elite que depende economicamente das exportações, se enfraquece, abrindo espaço para outros grupos políticos. Na época, há eleições “diretas” para presidência, exceto para as mulheres. Além disso a eleição é uma fraude, com o “voto de cabresto” (voto aberto e não secreto), uma ditadura arranjada. Naquele período disputam o pleito o paulista Júlio Prestes e o gaúcho Getúlio Vargas. Prestes “ganha”, mas não leva. Antes da saída do então Presidente Washington Luiz do poder, ocorre o assassinato do candidato a vice-presidência na chapa de Getúlio, João Pessoa, segundo documentos, um crime passional. A morte é a “gota d’água” e o estopim para a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas toma o poder. Daí por diante o atraso social e político tomam conta do Brasil e o populismo toma lugar do Estado de Direito.

O governo provisório de Getúlio, que de provisório só tem o nome, promete uma nova Constituição Brasileira, mas nada ocorre no primeiro ano. Enquanto isso, São Paulo organiza uma resistência acirrada ao governo por causa, entre outras questões, do sentimento paulista de não aceitar a ditadura varguista e o posicionamento anti-paulista do caudilho. O movimento se amplia e recrudesce depois que quatro estudantes são mortos por policiais durante um protesto pró-constituição no dia 23 de maio. Mário Martins de Almeida, de 31 anos; Euclides Bueno Miragaia, de 21; Dráusio Marcondes de Souza, 14 anos e Antônio Américo de Camargo Andrade, de 30, acabaram tornando-se mártires e símbolos do que seria a Revolução Constitucionalista de 1932. As iniciais dos seus nomes formam a sigla M.M.D.C. (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo).

No dia 9 de julho, o ex-candidato Júlio Prestes, com apoio do interventor de São Paulo, Pedro de Toledo, “faz o circo pegar fogo”. São Paulo se mobiliza, milhares de pessoas tornam-se voluntárias, moradores chegam a doar jóias e ouro pela causa e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) determina que várias indústrias produzam material bélico. São Paulo possui um contingente em torno de 40 mil soldados, divididos em três frentes principais de combate: as fronteiras com o sul de Minas Gerais, o norte do Paraná e o Vale do Paraíba. As forças getulistas são infinitamente maiores, além dos paulistas possuírem um arsenal obsoleto e irrisório para a época. Além disso, o governo federal faz uma campanha radiofônica contra o movimento difundindo a idéia de que São Paulo quer se separar do Brasil, que são apoiados por comunistas internacionais, que os soldados matam padres e velhos, o que ajuda a angariar voluntários contra São Paulo.

Entretanto, o pior ainda está por vir, pois o apoio de setores insatisfeitos de outros Estados, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, não vem e o movimento é vencido. Em 3 de outubro, as tropas se rendem, após serem negociadas a anistia para os soldados e o exílio para os líderes. Para a história fica o amargo da derrota, o distanciamento pela traição de Minas e Rio Grande do Sul, mas dá mais vitalidade e força de luta aos “bandeirantes, que faz com que São Paulo se levante cada vez mais, tornando-se a maior potência econômica do país, nos anos seguintes. Com mais de 600 mortos, principalmente paulistas, a revolução acaba, mas consegue seu principal objetivo: uma nova constituição, promulgada em 1934. E o rádio? este exerce um papel importantíssimo, sendo o mais poderoso meio de comunicação da época, funciona como elo de ligação da sociedade e uma rádio em particular se eterniza como a “rádio da revolução”. Também uma voz se propaga unindo os paulistas e se torna “a voz da revolução”, é de César Ladeira.

Muitos autores discorrem sobre a Revolução, inclusive questionando se o levante pode ser chamado de revolução e, neste sentido realmente em 1930 não há revolução, entretanto não podemos dizer o mesmo em 1932. O dinheiro brasileiro, por exemplo, leva um carimbo como nova moeda dos paulistas, além disso, a “pátria paulista” desenvolve e utiliza selo próprio de correio, bônus de tesouro paulista, carteira eleitoral, em um total de 224 símbolos relacionados à cidadania paulista, inclusive passaporte. Vejamos alguns abaixo:



Capa do álbum de figurinhas de 1932, para o esforço de guerra da Revolução de 1932. Fonte: acervo pessoal de José Paulo Carchedi Roxo. Acesso ao acervo: outubro de 2008.

- Nº 9: Pela lei e pela ordem (paulista)
- Nº 10: Pela lei e pela ordem (mineiro)
- Nº 11: Fivela com brasão⁴ para cinto de homem
- Nº 12: Com São Paulo pelo Brasil
- Nº 13: Fivela com brasão para cinto de senhora
- Nº 14: Bandeiras entrelaçadas do Brasil e de São Paulo
- Nº 15: Emblema da república sobre as cores paulistas
- Nº 16: Broche paulista com seis listas horizontais
- Nº 17: Medalha: São Paulo é o direito e a força
- Nº 18: Medalha: aos heróicos soldados da lei – verso e reverso
- Nº 19: Brasão pró-São Paulo para automóveis
- Nº 20: Medalha giratória
- Nº 21: Brasão pró-Brasília para automóveis
- Nº 22: Medalha: direito e constituição – reverso e anverso
- Nº 23: Distintivo: MMDC
- Nº 24: Broche pró-São Paulo – Fiant Eximia

Estes elementos todos tornam admissível que a guerra civil paulista em 1932, seja realmente uma “Revolução”. “Sem os exageros míticos de uma historiografia tendenciosamente oficial e sem a excessiva relativização dos que consideram estes movimentos como simples quarteladas, com sabor apenas político”, escreve Bezerra (1988, p. 7).

A Ira do ditador Getúlio Vargas

Do ponto de vista da história, o Getúlio Vargas dos anos de 1930 que encontramos em nossas pesquisas, se mostra um ditador com discurso populista, repleto de aparências, atrás de uma máscara progressista e revolucionária por um lado, mas de enorme selvageria e brutalidade de outro. Suas ações evidenciam um ditador frio e sanguinário, capaz de matar jovens, suspender direitos, matar prisioneiros, torturar e invadir salas de redação de rádio e jornais, espancando e prendendo profissionais de comunicação, operários, políticos ou quaisquer outros que o questionem. Observamos porém, e aqui é importante ressaltar, que esta era a doutrina da época, uma política autoritária, a centralização do poder na figura do

⁴ A palavra brasão está escrita como brazão, pois seguimos o índice indicativo das estampas, no álbum de figurinhas da Revolução Constitucionalista de 1932.

Presidente da República e praticamente sem voz os Estados da união, por isso que, ao término da Revolução, a elite paulista foi beijar a mão de Getúlio nas escadarias do Catete, atrás de seu quinhão. Percebemos ainda, analisando o momento histórico daquele período, que a centralização e o pragmatismo político ocorre também na Itália, Portugal, Alemanha, Espanha, Argentina, entre outras regiões. Sobre o autoritarismo aliás, recorremos a um dos ideólogos do período político de Vargas, Oliveira Viana. Antonio Paim (1987, p.181), analisando a obra de Oliveira Vianna sobre o pensamento autoritário no Brasil, escreve:

O novo surto autoritário não era certamente da mesma índole do castilhismo. Este, segundo se indicou, formulou-se na fase inicial da República, implantou-se firmemente no Rio Grande do Sul e acabaria transplantado ao plano nacional por Getúlio Vargas. Vargas acresceria ao castilhismo a dimensão modernizadora mas está longe de pretender, como o castilhismo getulista, construir-se em alternativa para o sistema representativo.

O fato de não respeitar a autonomia de São Paulo, nomeando um interventor de fora, recusando o Presidente paulista (como eram denominados os governadores da época), já demonstra a relação que Getúlio tem com São Paulo, ao mesmo tempo de temor e de descaso, de paz e de guerra. Já é sua intenção se perpetuar a força no poder, desrespeitando os compromissos assumidos com São Paulo, em buscar construir entre as forças políticas uma nova Constituição. Isso espanta os paulistas e os pega de assalto, principalmente os dirigentes partidários, particularmente os do Partido Republicano Paulista (PRP), que não aceitam de forma alguma São Paulo ser comandado por um estranho, ou seja, alguém que não participou da história bandeirante. É então desencadeada uma grande campanha com propagandas contra o governo federal: "São Paulo dominado por gente estranha"; "São Paulo conquistado"; "Constituição"; "Convocação imediata da Constituinte". O Interventor indicado por Getúlio é João Alberto, que percebendo a situação, pede demissão. Getúlio tenta amenizar e nomeia um paulista, o diplomata Pedro de Toledo, mas já é tarde. São Paulo tem um interventor paulista e civil, mas a situação não se acalma mais, sai do controle, inclusive daqueles que pretendiam apenas manipular a situação e criar um clima de Revolução para conseguirem seus interesses junto a Getúlio. Escreve Nogueira Filho (1982, p. 15-20):

O movimento Constitucionalista de 32, a Guerra Cívica de 32, a Revolução de 32 – chamemo-la como aprouver a cada um – erigiu-se em exemplo único de campanha levada a efeito por um povo, consciente de seus deveres, em defesa do regime político que adotara livremente e que ainda considerava o mais acorde com seus ideais de convivência político-social. O que ocorreu em São Paulo nessa era não foi um conjunto de atos reivindicatórios de uma parcela da população contra outra, de uma classe ou categoria social ou profissional contra a que a espezinhasse, de uma camada popular contra seu governo; ao contrário

(...) o objetivo era claro e insofismável: repor o país no leito constitucional de que fora arreado pelo movimento armado de 1930, que fugia aos seus objetivos, cuja conquista se retomava, também pelas armas. E, conseqüência lógica, buscava restituir a São Paulo as prerrogativas de “self government” que desde séculos se alteavam como apanágio de sua gente.

Espíritos tacanhos, incapazes de compreender a pureza e a magnitude desse movimento coletivo, não hesitaram em qualificá-lo de movimento separatista. Como se São Paulo não tivesse olhos para ver que sua grandeza decorria de fato de pertencer a uma nação que ele mesmo construía com o sangue, o cérebro e a coragem de seus antepassados, cujos restos dormem o sono eterno nos mais remotos rincões do país, aonde os levara seu sonho secular de construir para Portugal esta imensa possessão. Possessão que se tornou, nestas partes da América, a expressão viril de uma raça de gigantes.

PRB-9 Rádio Record de São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932

A Rádio Record foi fundada em 11 de junho de 1929, como escrevemos acima, entretanto, segundo o radialista José Mauro Pires (2000, p.77-85), revendo os documentos de seu pai, o também radialista Mauro Pires, ninguém sabe ao certo a data de fundação da Record, portanto, estabeleceu-se como sendo em 11 de junho de 1929. O Almanaque do Rádio Paulista, de janeiro de 1951, traz que a Record já existe desde 1929, propriedade de Álvaro Liberato de Macedo. Em 1930 é comprada por Jorge Alves Lima, Leonardo Jones, João Baptista do Amaral e Paulo Machado de Carvalho. Em entrevista a Beth Carmona, sobre a História do rádio (1979), Paulo Machado coloca que a comprou em 1931. Fica então para a história estas dúvidas com relação às datas, mas nossa tendência é mesmo seguir os dados do Almanaque do Rádio Paulistano, de janeiro de 1951, que está no mesmo compasso de Mauro Pires.

Na entrevista citada, Paulo Machado diz:

“Mas as coisas iam prosseguindo, todo mundo ia procurando saber como que funciona isso e aquilo outro e nós tivemos, nesse principiozinho, companheiros muito bons. E eu sou obrigado a citar, que trabalhavam naquilo: eram eu e essa moça que...chamavam depois, veio a se chamar de Elizabeth Garcia e que era Natália da Fonseca (...) e então tinha um telefone, uma máquina de escrever, tinha um arquivo, que talvez tivesse uns dez discos e nós tomamos conta de tudo, do faturamento que era irrisório e nem havia faturamento, tomamos conta de arquivo e tomamos conta de tudo e aí começamos a pensar em organizar um corpo de pessoas que fosse, aos pouquinhos, entendendo do assunto. Não digo que foi difícil. Isso seria uma injustiça. Como digo no futebol, se o brasileiro é extraordinário, é simplesmente saber levá-lo, nós conseguimos um grupo, aí já vem um misto de 31 e 32, em que começaram a aparecer homens inteligentes, moços e que se dedicavam ao assunto. Nós tivemos, para se ter uma idéia, ainda outro dia, na distribuição do prêmio Sanyo e eles me honraram com um prêmio muito bonito, na distribuição do prêmio Sanyo havia a lista dos premiados: em 23 premiados, 21 tinham trabalhado na Record, comigo; o que é evidente que me encheu de grande prazer”.

A rádio Record em seus primeiros passos, é efetivamente uma grande escola de rádio para São Paulo e o Brasil. Por lá passam profissionais que mais tarde fazem história, entre eles: Raul Duarte, César Ladeira, Renato Macedo, Nicolau Tuma. No estúdio central da rádio, com aproximadamente 5m X 8m², os funcionários realizam milagres. Conta Paulo Machado que neste espaço eles conseguiam irradiar uma ópera, orquestras inteiras. O segredo é que eles abrem as portas de todas as pequenas salas que dão para o estúdio central e uma parte da orquestra fica em uma sala, outra parte em outra sala e assim por diante. O programa de ópera no rádio se torna uma verdadeira sensação para a época. Óperas cantadas por profissionais, orquestra de profissionais.

A Record vai crescendo e outros profissionais vão compondo o quadro da emissora, tais como Oswaldo Molles, Raul Duarte e Otávio Gabus Mendes, que trabalham muito pela Record e pelo rádio brasileiro. Sobre o início de Gabus Mendes na Record, conta Paulo Machado que ele tinha um programa às 9h da manhã. Ele se sentava na máquina às 8h:30 da manhã, batia o programa à máquina, saía correndo até o estúdio e lia o programa que havia datilografado antes. Quando acabava seu horário, voltava à máquina e batia outro programa, era a maneira de estar atualizado com o que acontecia, através dos rádios-escuta, que na época utilizam o telefone.

A Record naquele período faz coisas que parecem impossíveis para a época e traz para São Paulo os maiores artistas do rádio do Brasil, tais como, Francisco Alves, Carmem Miranda, Almirante, Sílvio Caldas, Orlando Silva, todos os que têm sucesso no período são trazidos para cantar em programas na Record, com grande sucesso. Em muitas ocasiões, no ano de 1933, os microfones são colocados na janela do prédio e o público assiste ao vivo na Praça da República. O som não é nada bom, por exemplo, as irradiações esportivas são feitas em uma sala com oito telefones na parede, com linhas diretas para os campos onde se realizam os jogos. A seção esportiva é de responsabilidade de José Augusto de Siqueira. Ele fica no estúdio-sala e, dos campos, cada repórter fala pelo telefone o resultado do jogo, apenas isso, pois não há tecnologia para outro tipo de transmissão. Lembramos que experiências do tipo são feitas atualmente (e é recente), com programas de radiojornalismo (CBN), programas humorísticos esportivos, tais como “Na Geral”⁵, da Rádio Bandeirantes,

⁵ O programa é apresentado no fim da tarde, com tom humorístico, mas de muito bom gosto, inclusive com imitações que lembram os tempos áureos do rádio brasileiro. Não apela para o escracho e também não é tão sério e sisudo. Interessante e engraçado, sem quadros fixos e tendo o futebol como pano de fundo, constantemente fala um pouco da história e memória do rádio, através de personagens e/ou datas e fatos marcantes. É apresentado por um trio, formado por Beto Hora, Lélcio Teixeira e José Paulo da Glória, na Rádio Bandeirantes de São Paulo.

onde a rádio transmite o programa de hipermercados em diversas regiões de São Paulo – capital e interior, focando o caráter popular do programa humorístico esportivo.

Enfim, sobre o início da Record e sua evolução, trata-se de uma história lírica, se imaginarmos quatro amigos com pouco dinheiro, chegando em uma casa de discos no centro da cidade, em uma pequena sala, com fios para todo lado, aparelhos enormes, etc., sem saber o que fazer com tudo aquilo. Perplexos com a cena, mas sem a dimensão exata do que está acontecendo, dão início naquele momento ao que seria a maior escola do rádio de São Paulo e entre as maiores do Brasil.

É naquele período de 1932 que explode a Revolução Constitucionalista e nos vêm então algumas questões: por que a Record? por que motivo Paulo Machado e a Record enveredam tão profundamente na Revolução? é por ideologia, por interesse comercial? afinal o que leva um empresário que vem de outro ramo (de luminosos a gás neon até 1931), enveredar por uma guerra disponibilizando sua empresa radiofônica como principal meio de comunicação mobilizador em São Paulo?

Bem, em nossa análise e tentando responder a estas questões, acreditamos primeiramente que Paulo Machado de Carvalho é envolvido na guerra pelos “ricos” de São Paulo e por articulação política, pois representa exatamente o pensamento paulista de progresso e prosperidade, pensamento que interessa ser difundido por esta classe. O rádio é o meio mais popular, assim, ideal para atingir às massas, neste sentido a Record realmente cumpre este papel de aglutinação e manipulação das massas. Por outro lado, não temos dúvida que o Dr. Paulo não tem noção muita do terreno em que está pisando, assim como a grande massa e a classe média que abraça a Revolução. Acreditamos que por ingenuidade e percebendo uma forma de se projetar, Paulo Machado penetra o mais fundo que pode na Revolução, primeiramente por interesse comercial (sentindo a oportunidade de transformar a Record em uma emissora maior, com mais poder, que tinha como espelho a aristocrática Rádio Educadora Paulista), mas posteriormente, já envolvido pelo próprio discurso e a evolução dos fatos, se mostra ideologicamente comprometido com a Revolução, acreditando que pode realmente ter um país mais justo, sem a tirania ditatorial de Getúlio Vargas e também sem ter que se curvar aos desígnios incertos dos tenentes.

Esta leitura se deve principalmente ao fato de que quando do término da Revolução, os principais expoentes e líderes combatentes ou são mortos em batalha, ou presos ou exilados. Com Paulo Machado, entre outros líderes de classes privilegiadas, nada disso ocorre. Nossa análise pressupõe as palavras de Paulo Machado em entrevista citada

acima, feita em 1979. No documentário radiofônico sobre a Rádio Record, comemorativo aos 45 anos da emissora, ele conta que o Movimento foi um marco idealista da Rádio Record e a voz da Record estava presente nos corações do povo paulista, com a locução de César Ladeira, o que a transformou realmente na “rádio da Revolução” e César Ladeira a “voz da revolução”.

Eu outro dia mostrava ao Passos, que naquele tempo era Chefe de Gabinete de Pedro de Toledo, as intimações diárias que eu recebia para ir ao Largo do Palácio, aonde era a Chefatura de Polícia. Todas as vezes que eu chegava lá eles me diziam assim: bom, era prá ser o seu dia hoje (de ser exilado) mas não foi. O senhor vai receber uma outra intimação. Daí a três dias outra intimação, daí a três dias outra intimação. Mas acontece que nesse vai e vem, tomou conta de São Paulo um homem a quem São Paulo deve muito, muito. Naquele tempo era o Coronel Cordeiro de Faria e, esse homem deu calma a todos que precisavam ter calma, não perseguiu a quem ele entendia que não tinha culpa no cartório e, por isso, ele me chamou, teve uma grande entrevista comigo e disse: “não! Você fez isso por um ideal muito bonito, muito defensável, muito claro, muito honesto e muito decente. Então, vai para sua casa e sossegue.

Ainda sobre a inserção da Record na Revolução e o papel que exerce na articulação e liderança das massas, Paulo Machado conta que a Revolução traz grande prestígio para a Record, de tal forma que, por exemplo, a música que se torna símbolo da revolução, Paris Belfort ⁶, é também um símbolo muito bem guardado nos arquivos da rádio como número 3. De certa forma quando a banda da Força Pública executa este hino, e faz isso nas principais solenidades de São Paulo, é também uma homenagem à rádio, que eternizou o hino. Sobre o período, Paulo Machado fala:

Na Revolução as coisas passavam-se daquele jeito: nós fazíamos o que era possível, tínhamos surpresas extraordinárias porque o alcance da estação que talvez fosse de 100 km, as vezes era ouvida na Bahia, e nós ouvíamos notícias da Bahia, que tinha ouvido lá um trecho...não sei do que. Nessa ocasião apareceu o seu César Ladeira, com uma voz linda, mas que deve também muito, muito, o seu sucesso, o que não o desmerece absolutamente, aos artigos, aos lembretes, às frases que eram escritas por Antonio de Alcântara Machado, que trabalhava conosco gratuitamente na Revolução, que passava-se a noite inteira quase que lá, fazendo, ajudando, para que aquele movimento valesse. De Antonio Alcântara Machado eu tenho uma coisa interessante: foi o primeiro, o primeiro homem de rádio que fez um anúncio fora do comum, inteligente e que marcou época, naquele tempo [...]

Ainda segundo Paulo Machado a Revolução é um momento especial para o povo paulista “corajosos homens aqueles, que não faziam concessões e barganhas por interesses

⁶ Paris Belfort - Essa marcha foi executada como música de fundo quando da transmissão pela Rádio Record de São Paulo do assassinato dos quatro constitucionalistas que, com sua morte, passaram a simbolizar o MMDC (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo). O tema musical passou a ser reprisado sempre nas locuções de César Ladeira, Nicolau Tuma e Renato Macedo, sobre o desenvolvimento da guerra. A voz inflamada de César Ladeira movia multidões. A marcha é apenas musicada, não há letra.

menores e pessoais, valorizavam bem mais os companheiros, as idéias e o espírito criativo”. Esta fala cai um pouco por terra quando analisamos a postura da elite paulista logo após a derrota em São Paulo, fazendo acordos com o ditador.

Nos anos de 1930, concorrem com a Record emissoras como a Rádio Cruzeiro do Sul, Bandeirantes, Cultura, América e Difusora. Para fixar a marca junto ao ouvinte as emissoras passam a fixar *slogans*, tais como: Rádio Bandeirantes, *a mais popular*; Rádio Gazeta, a emissora da elite; Rádio São Paulo, *a voz amiga*; Rádio Record, *a maior ou a voz de São Paulo*. Em 1937 entra em cena o poderoso Assis Chateaubriand que, ao seu império jornalístico, decide incorporar o rádio, inaugurando em São Paulo a Rádio Tupi em 4/9/1937, ampliando sua cadeia nacional de comunicação. As Emissoras Associadas, agora não mais se limitavam apenas à mídia impressa, jornais e revistas. Meses antes é inaugurada no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1936, uma influente emissora de rádio, a Rádio Nacional. No início propriedade do grupo jornalístico A Noite e posteriormente em 1940, durante a vigência do Estado Novo, encampada pelo governo federal e transformada na ponta de lança da propaganda varguista, não apenas no Brasil, mas irradiando com seus potentes transmissores para os cinco continentes.

Getúlio Vargas, portanto tem um verdadeiro deslumbramento pelo rádio, provavelmente reflexo dos problemas ocasionados pela Record durante a revolta paulista em 1932, o sucesso da anti-propaganda revolucionária transmitida por rádios do lado da ditadura e a lição que vem da Alemanha nazista, com a nomeação em 1933 de Joseph Goebbels, o mais poderoso ministério de Hitler, que tem o rádio como uma questão de segurança nacional: todo alemão deveria ter um rádio em casa. O líder soviético Lenin, ao assumir na Rússia em 1917, prioriza o jornal e o cinema, por ironia, não prioriza o rádio. Por aqui o rádio serve para a penetração ideológica populista/conservadora, que Getúlio capitaliza, manipulando este potencial e atingindo com habilidade a maior parcela da população.

Naquele período de 1932, a Record contribui e muito para a união de todos a favor de São Paulo e ajuda a formar o ambiente revolucionário, inclusive porque música é uma das matérias-primas do rádio e carro-chefe da propaganda, nesse sentido, diversos hinos são compostos durante a Revolução Constitucionalista. Como vimos, esta visa forçar o cumprimento pelo governo Vargas dos compromissos da Revolução de 30, assim, algumas canções de 30 são atualizadas. Outros hinos, criados mais tarde enaltecem a epopéia paulista, porém, nenhum foi tão marcante e importante na revolução como “*Paris Belfort*”.

Pela primeira vez busca-se iniciativas não apenas militares para romper o isolamento a que o Estado fora submetido. Faltam, no entanto, as forças mineiras e gaúchas. Os governos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, embora apóiem a luta pela constitucionalização, decidem manter-se leais ao Governo Provisório e traem São Paulo. Os boletins de César Ladeira ecoam juntamente com a marcha francesa *Paris Belfort* pelas rádios de São Paulo da época, na capital, no litoral e no interior do Estado. O jornal O Estado de S. Paulo e a família Mesquita são também essenciais para a Revolução, inclusive nos dias de hoje, na Rádio Eldorado, do grupo Estado, a marcha *Paris Belfort* é o prefixo oficial. São de César Ladeira as palavras a seguir, com gravação original da Rádio Record, em 1932, com o objetivo de alavancar a campanha do ouro.

O paulista não mudou ! Há três séculos, quando a epopéia das bandeiras subia brilhando ao delírio da riqueza e Anhanguera, O Diabo Velho, o ciclo de paulistas, surpreendido amava no sertão escuro. A tribo goias. dançava ao luar, nua, suntuosa, e os cabelos emboados de ouro e arcas abarrotadas abriam-se como estojos e maravilhas despejando-se todas aos pés do monarca português, nessa idade do ouro de nossa história. Conta-se que os caçadores, à falta de chumbo, carregavam as espingardas com bolotas de ouro puro. O paulista não mudou. A campanha do ouro para a vitória reedita a proeza luxuosa dos nenrodes da mineração. Enquanto o paulista faz recuar a ferro e a fogo e cada vez mais afastar-se, à força de bravuras épicas, as fronteiras do Brasil Constitucionalista, como antigamente fez retrair seu Meridiano de Tordesilhas, aqui, nas terras firmes da retaguarda, como aqueles caçadores do século XVII, outros paulistas, velhos, mulheres, crianças, carregam de ouro a arma certa, que vai alcançar no seu vôo alto e claro, a vitória de asas brancas. O paulista não mudou ! O Senhor deu, O Senhor tirou ! Seja bem-vindo o nome do Senhor ! Sem se lamentar, sem maldizer um instante a vontade superior que tudo lhe tirava, Jô transformava em riqueza a pobreza que a tinha aceitado e bem-dizia. Um divino desígnio exigiu também de São Paulo a entrega de seus filhos e seus bens. O paulista, orgulhoso do martírio, abençoou o sacrifício. Largamente abriu a porta de seus lares e o fecho de suas bolsas. E toda a sua mocidade, a sua inteligência, a sua beleza, a sua força, escorre e vai na confusão cávida fardas, purificar-se toda, pureza inabalável no heroísmo esplêndido das trincheiras. E o seu ouro se derrama todo, puro e instantâneo os guichês dos bancos para formar o tesouro de guerra, o alicerce precioso sobre o qual atentar-se o monumento eterno da honra paulista. Todo paulista sabe dizer como Jô: São Paulo me deu, São Paulo me tirou, seja Bendito o nome de São Paulo. Todo paulista sabe ser pobre como Jô, para com esta pobreza, alcançar a riqueza maior, a riqueza melhor, a riqueza gloriosa, a riqueza suprema, a única riqueza que São Paulo quer: a vitória, a vitória, a vitória.

Como dissemos acima, a mais poderosa mídia da época é o rádio e a Rádio Record, entre as demais, é a que chama para si a tarefa e a cumplicidade com a Revolução. Quando os manifestantes paulistas enfrentam, em 23 de maio de 1932, os membros da Legião Revolucionária (transformada no Partido Popular Progressista, sob a liderança de Miguel Costa) e são mortos os jovens estudantes, a Record está acompanhando tudo de

perto, pois estes acontecimentos ocorrem bem em frente ao número 17 da Praça da República, onde está instalada a emissora. O que percebemos, e é uma constatação a partir dos acontecimentos daqueles dias, é que a Rádio Record não tem escolha pois, segundo a entrevista com Paulo Machado citada, os estúdios da rádio são invadidos pelos manifestantes um pouco antes de todas as manifestações e o assassinato dos jovens MMDC. Aliás, sobre os assassinatos, acreditamos ser interessante esclarecer um pouco mais este episódio e os fatos, inclusive por justiça ao caso do estudante Orlando Oliveira Alvarenga.

No dia 25 de janeiro de 1932, aniversário da cidade de São Paulo, há um imenso comício na Praça da Sé, parecido com outros ocorridos nas “Diretas Já”, em 1984 e “Fora Collor”, em 1992, entre outros, que deixa a praça colorida de todo tipo de bandeira, mas no fim, pouco muda. Naquele momento, então, partidos políticos que rivais estão unidos, juntamente com a opinião popular, ambiente propício para o que viria a seguir, e a idéia de revolução toma conta de todos, sem distinção de classe social ou credo, na verdade ficar neutro é estar do outro lado e contra São Paulo. Dessa forma, em 22 e 23 de maio, estudantes e a população em geral invadem e queimam redações dos jornais ditatoriais e é desse conflito que são mortos os quatro jovens, três deles estudantes de Direito e o outro, ainda um menino: Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo. A sigla MMDC é composta com as iniciais dos nomes desses quatro estudantes paulistas mortos pelas forças ditatoriais de Getúlio Vargas. Porém outros paulistas são feridos e tombam nesse dia fatídico, mas os três: Martins, Miragaia e Camargo, morrem no local e Dráusio, um menino de 14 anos, falece no dia 28, em consequência dos ferimentos. A sociedade explode e com as iniciais dos nomes desses jovens, como escrevemos acima, é formada a sigla MMDC, o maior símbolo de São Paulo para enfrentar uma ditadura bem armada e bestial.

O primeiro dos jovens a morrer é Camargo, estudante, casado e pai de três filhos. Sobre o assunto, Hely Felisberto Carneiro⁷, escreve que o nome do movimento deveria ser outro: “Mas, além desses quatro, Orlando Oliveira Alvarenga foi ferido gravemente, vindo a falecer durante a Revolução, 81 dias após. Com isso, foi relegado ao esquecimento”.

É nesse clima que os estudantes entram então na sala de Paulo Machado e mandam que ele abra os microfones e coloque no ar a leitura de um abaixo-assinado. A Rádio Record neste momento já tem uma posição definida anti-Getúlio, e, a partir dali investe

⁷ Pesquisa realizada em setembro de 2008, no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba-SP, com texto publicado no site do instituto sob o título de “MMDC ou MMDCA”.

tudo o que possui na Revolução. Com a invasão e a tomada da emissora, é ao vivo: “Nós, os abaixo-assinados, declaramos que invadimos, à valentona, os estúdios da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, e conclamamos o povo para que se mude a situação política existente no Brasil”.

Após a leitura do abaixo assinado, lêem também nos estúdios da Record o nome de cada um dos que assinavam o manifesto contra Getúlio Vargas. Claro que Paulo Machado a essa altura já tinha aderido à Revolução. A partir daquele momento a Rádio Record não mais responde ao governo federal, que controla todas as emissoras do país, menos as de São Paulo e Mato Grosso. A Rádio Record assume o papel de porta-voz do movimento e pelas vozes de três locutores: César Ladeira, Nicolau Tuma e Renato Macedo, tendo por fundo musical a marcha *Paris Belfort*, leva a todo país o noticiário dos revoltosos paulistas furando o bloqueio da censura varguista.

O que ocorre a partir daí, é que aos poucos as demais rádios e jornais vão se aproximando e assumem a Revolução. No dia 9 de julho, tendo como fundo a Marcha Paris Belfort, César Ladeira de forma grandiosa e eloquente coloca no ar mensagens patrióticas, que aclamam o espírito paulista contra os getulistas. Guilherme de Almeida escreve poesias para que César Ladeira as declame no ar, aumentando a força dos revolucionários. As rádios de São Paulo tocam o dia inteiro a marcha e o locutor da Record João Neves de Fontoura transmite: “O espetáculo de São Paulo em armas entusiasma mesmo os cétricos; há uma estranha beleza nesta metamorfose marcial. Um povo de trabalhadores despe a blusa e veste a farda [...]”.

César Ladeira, Renato Macedo, Licínio Neves e Nicolau Tuma são os grandes locutores que até nas madrugadas fazem a campanha constitucionalista pela Record. A marcha da Revolução torna-se o seu prefixo musical. A PRB-6 Rádio Cruzeiro do Sul, também está presente a favor dos revolucionários, mas não com a mesma força da Record. Outros meios de comunicação são extremamente significativos para a Revolução, tais como o rádio-amador e o telégrafo, utilizados pelas tropas como meio de comunicação em todas as cidades paulistas.

Os intelectuais da época, tais como, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Paulo Duarte, Paulo Setúbal e Mário de Andrade, colocam-se junto com o movimento e à disposição. Menotti Del Picchia pela Rádio Record conclama os paulistas: “Paulistas, vós que tendes o coração de ouro, dai ouro para São Paulo”. Pessoas de todas as classes sociais doam suas jóias, pratarias, alianças e objetos de ouro para

financiar a Revolução. Em troca recebem um anel com a inscrição: “Dei ouro para o bem de São Paulo”. Abaixo, a publicação oficial do jornal *A Tribuna*, de Santos, edição de 28 de setembro de 1932 (documento original):

**Ouro para a Victoria
Continuam as ofertas á Associação Commercial**

A campanha do ouro para o bem de São Paulo recebeu hontem uma dadiva que se singulariza pelo seu valor material e sobretudo pela sua valia estimativa e pelos alevantados e eloquentes motivos que a ditaram.

Eis a carta que acompanhou essa expressiva offerta:

"Corrente que pertenceu ao general Francisco Glycerio, propagandista campineiro da Republica; oferecida por sua filha ao 'Ouro para a Victoria', em memoria de seu inesquecivel pae e como protesto ao bombardeio aereo de Campinas pelos ditatoriaes. Santos, 26 de setembro de 1932 - (a.) Maria Zelinda Glycerio Torres".

A corrente, acompanhada de artistico medalhão com 2 diamantes e um brilhante, pesa 56 grammas de ouro e é obra de fino lavor.

- Vem tendo lisonjeira repercussão o acto de algumas firmas commerciaes de offerecer ouro para a victoria.

Ainda hontem os srs. Figueiredo, Lima e Cia. Ltd. ofertaram também 200 grammas de ouro de 18 quilates. Cada dia se impõe mais á nossa admiração o apoio de nosso alto commercio a todas as iniciativas da campanha constitucionalista em Santos.

- Cada dia avulta mais, em variadas modalidades, a cooperação patriotica de Santos á campanha em que São Paulo se empenhou. Assim, podemos noticiar, com justificado desvanecimento, que a venda de objectos offerecidos ao "ouro para a Victoria" atingiu, nestes poucos dias, a 20 contos de réis.

É intenso o movimento desse departamento de campanha, que funciona na rua 15, esquina da Frei Gaspar.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Holien Gonçalves (1988). *O Jogo do Poder*. São Paulo: Editora Moderna.

CARNEIRO, Hely Felisberto (2008). *MMDC ou MMDCA ?* publicação do site do IHGGS, São Paulo.

CARVALHO, Paulo Machado de (1979). *História da Rádio Record de São Paulo*. São Paulo, entrevista concedida a Beth Carmona.

NOGUEIRA FILHO, Paulo de Almeida (1965, 1966, 1967, 1971). *Ideais e lutas de um burguês progressista; a guerra cívica – 1932*. Rio de Janeiro: José Olympio, 4 vol.

PAIM, Antonio (1987). Oliveira Vianna e o pensamento autoritário no Brasil. *In: Instituições políticas brasileiras – vol 2 – Coleção reconquista do Brasil*. Orgs. PAIM, A; MACIEL DE BARROS, R.S.; COSTA NUNES, R. A. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp; Niterói-RJ: Editora da UFF.

PIRES, José Mauro (2000). *O resgate da história do rádio paulista até anos 60*. Dissertação de mestrado, Universidade Paulista.

PIRES, Thirso (org). *Almanaque do rádio paulistano de 1951*. São Paulo: jan. de 1951, s/n.

Sites pesquisados:

Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico - IHGGS de Sorocaba. Disponível em <http://www.ihggs.org.br/>. Pesquisa realizada em setembro de 2008.

Novo Milênio: Especial Revolução de 1932. Disponível em:
<<http://www.novomilenio.inf.br/festas/1932sp.htm>>. Pesquisa realizada em 23/05/2009

Novo Milênio: Histórias e Lendas de Santos. Disponível em:
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186h.htm>>. Pesquisa realizada em 01/04/2009.

Radiobras. Site oficial da Empresa Brasileira de Radiodifusão. Acesso em janeiro de 2009. Disponível em: <www.radiobras.gov.br>. Acesso em dezembro de 2009.

Sampa Online. A Força da Mídia em 1932. Disponível em:
<<http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001jul06midia.htm>>. Acessos em 06/01/2008 e 20/05/2009.

Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <www.scielo.br>. Pesquisa realizada em dezembro de 2008.